

UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA HISTÓRICA NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA ARQUITETÔNICA: A FÁBRICA DE CHAPÉUS PELOTENSE (RHEINGANTZ & CIA)

JEFERSON DUTRA SALABERRY¹; FRANCINE MORALES TAVARES RIBEIRO²
CLÁUDIO CALOVI PEREIRA³; DANIELE BALTZ DA FONSECA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – jeferson.sallaberry@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – francine_mtavares@yahoo.com.br

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul – claudiocalovi@ufrgs.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – daniele_bf@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em Pelotas, no Rio Grande do Sul, parte da antiga estrutura das manufaturas do charque foi aproveitada para a instalação de uma zona fabril, onde a agroindústria se sobressaiu. Construída com maior intensidade no início do século XX começou a ser abandonada um pouco mais de meio século após. O estudo das edificações fabris se justifica por se constituírem parte importante da história. Esta narração poderá ajudar no reconhecimento deste legado.

Foram delimitados como recorte temporal os anos compreendidos entre 1911 e 1922. Estas datas foram escolhidas por neste período existir rica documentação. A presente pesquisa tem como base documental principal o manuscrito denominado *Notícia Descritiva das Fábricas de Pelotas em 1911*, de Alberto Coelho da Cunha. O trabalho se apoia igualmente nos textos publicados sobre as fábricas nos *Almanach de Pelotas* entre os anos de 1913 e 1922, e também nos diversos livros publicados por ocasião da comemoração do centenário da Independência do Brasil e do aniversário de Pelotas em 1912.

2. METODOLOGIA

A pesquisa valeu-se do método comparativo utilizado na investigação histórica. (BLOCH apud CARDOSO, 1983), trabalhos de pesquisa que exigiram a utilização de diversas técnicas e procedimentos, entre os quais o arrolamento e registro das estruturas arquitetônicas com levantamento fotográfico, com levantamento métrico arquitetônico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Fábrica de Chapéus Pelotense foi fundada em primeiro de janeiro de 1880, por Antonio Cordeiro Jr e Guilherme Vbiener. Desde o início estava localizada em um prédio térreo de 10 aberturas na Praça da Constituição, 184, atualmente, a Praça 20 de Setembro, nº 590. (CUNHA, 1911) (Fig. 1)

Com relação ao patrimônio da empresa, as anotações de Alberto Coelho da Cunha apontavam “58 máquinas impulsionadas por um motor de força de 50 cavalos de fabricante Mannig & Companhia alimentado a lenha ou a carvão [...]”. Quanto à mão de obra e à produção “Há anos trabalhava com 160 operários, as quais 30 eram do sexo feminino, sendo então a medida da produção diária de 50 a 60 dúzias de chapéus”.

Com relação à matéria-prima, registrou que, “para os chapéus de feltro, o pelo, em parte tirada, das peles de ratões de banhado, em parte importada da

Europa, de lebre, coelho, castor” enquanto que, para os chapéus de lã, era usada “a lã fina e mestiça rio grandense, sendo a lã preferida de borregos” e fabricava, por ano, seis mil quilos de lã nacional. Por fim, acrescentou

A fábrica tem anexa, as seções de serralheria, com sensível desenvolvimento, podendo concluir máquinas de pequeno porte, como já ha sucedido, marcenaria, cartonagem, com grandes depósitos com as matérias primas e dos preparados para a tinturaria. A sua produção anual era de 360 mil chapéus por ano.

Possui um gerente, um guarda livros, treze ajudantes e um viajante. Empregava 118 operários, sendo 48 do sexo feminino e mais 24 menores, de idade superior a 13 anos. (CUNHA, 1911, s.p.)

A edificação que, inicialmente, fora propriedade de Francisco Alves Ribas, foi adquirida, juntamente com a empresa, por Carlos Guilherme Rheingantz, em 1892. Em 31 de abril de 1907, com a entrada do filho de Carlos Guilherme, Francisco Rheingantz, e a retirada do gerente Guilherme Vbiener e do chefe de escritório Hermann Bonjuga, a firma foi alterada para F. Rheingantz & Companhia.

Este estabelecimento fabril estava implantado junto ao alinhamento predial, era uma edificação térrea de 4.136 metros quadrados, constituída por área administrativa e comercial com dez aberturas voltadas para o logradouro público. (Fig. 2)

A edificação que abrigava a fábrica estava implantada de forma harmônica em relação ao entorno construído. A pesar de ser uma edificação fabril, o aspecto formal do prédio não era diferente de outras edificações comerciais e residenciais que existiam na Praça da Constituição.

O prédio foi constituído a partir da repetição de planta retangular de grande dimensão de testada. Estava o primeiro pavilhão instalado sobre o alinhamento predial. A iluminação dava-se pelas esquadrias da fachada. Os demais blocos imediatamente acrescentados eram iluminados por sequência de *sheds*.

A fachada da edificação é constituída por base saliente. O corpo com pilastras e esquadrias em arco pleno e emolduradas. O coroamento era composto com platibanda cega e delimitado por cornijas. (Fig. 2)

O sistema construtivo era de meias tesouras apoiadas sobre alvenarias e pilares em alvenaria de tijolos. Com relação aos materiais, eram tradicionais: tijolos cerâmicos revestidos com argamassa e pintura a base de cal.

Durante a década de 20 do século XX a construção antiga foi parcialmente demolida e, em seu lugar, erguido um edifício de dois pavimentos. (MAGALHÃES, N., 1991) (Fig. 3) A fachada da edificação com elementos simplificados do ecletismo e do incipiente proto-modernismo.

O prédio foi constituído a partir da repetição de planta retangular de grande dimensão de testada. Estava o primeiro pavilhão instalado sobre o alinhamento predial. A iluminação dava-se pelas esquadrias da fachada. Os demais blocos imediatamente acrescentados eram iluminados por sequência de *sheds*. A fachada da edificação é constituída por base saliente. O corpo com pilastras e esquadrias em arco pleno e emolduradas. O coroamento era composto com platibanda cega e delimitado por cornijas.

4. CONCLUSÕES

A fábrica de Chapéus Pelotense teve importância histórica, entre 1911 e 1922, pela sua importância econômica, contribuindo para que Pelotas persistisse

como pólo econômico do estado. O conjunto de fábricas localizado junto ao arroio Santa Bárbara compõe uma zona fabril, vinculada diretamente à facilidade dos transportes portuários, ferroviários e também urbanos. A arquitetura desta fábrica constitui-se como significativa por suas características formais. O lugar apresenta grande importância memorial, sendo portador de valores culturais que devem ser reconhecidos e socializados. Espera-se que o registro e a divulgação resultem na preservação patrimonial.

Figura 1– Anuncio almanach



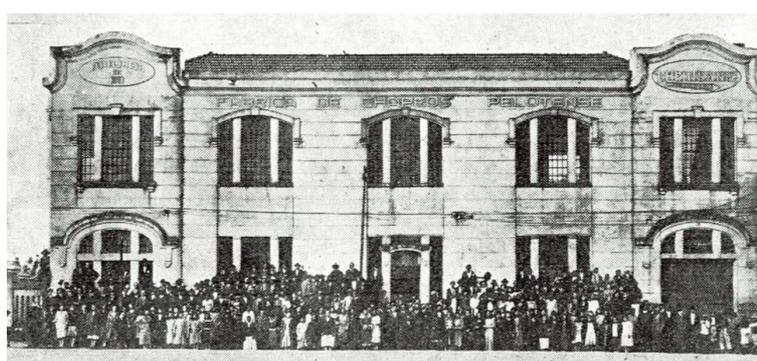
Fonte: FERREIRA & CIA, 1913.

Figura 2– Fábrica de Chapéus Pelotense (Rheingantz) (191-)



Fonte: ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE.

Figura 3– Fábrica de Chapéus Pelotense (Rheingantz) (192-)



Fonte: MAGALHÃES N., 1996.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Os métodos da história**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Noticia Descritiva das Fábricas de Pelotas**. Pelotas: 1911. (Documento Manuscrito)

FERREIRA & CIA. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1913

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória**. Pelotas: Ed. Litoarte. 1996.